

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". (KARL MARX)

Órgão central da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #40

FEVEREIRO-MARÇO/2026

A GUERRA NO IRÃ E A DECADÊNCIA DOS EUA

Mais uma vez, a propaganda imperialista agiu fortemente para espalhar informações falsas sobre o Irã na grande mídia, alegando, sem provas, durante discurso de seu presidente, que o Irã possuía mísseis capazes de atingir o território continental dos Estados Unidos, e também repetindo a mentira de que o Irã busca construir uma arma nuclear. É o comportamento padrão dos EUA, criar narrativas falsas para justificar suas agressões, basta lembrar das armas químicas no Iraque em 2003 ou então o tráfico de Drogas de Nicolás Maduro na Venezuela. Contudo, o que se planejava se realizar com uma operação agressiva e rápida, com a decapitação do grande líder religioso do país para gerar uma revolta para alcançar a mudança de regime no Irã, se mostrou um grande erro de cálculo dos estadunidenses e israelenses. **leia na página 5**

O Imperialismo e a perda das ilusões

leia o editorial na página 2



OS 70 ANOS DO XX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA URSS

LEIA NA PÁGINA 8



A LUTA DAS MULHERES BRASILEIRAS POR DIREITOS E IGUALDADE página 7

Trabalho infantil e Educação na lógica do capital
EDUCAÇÃO página 6

A racionalidade deles e a nossa
RUMOS DA LUTA página 3



O IMPERIALISMO E A PERDA DAS ILUSÕES

O ano de 2026 iniciou-se com a agressão imperialista estadunidense ao povo venezuelano, que teve como consequência a morte de dezenas de pessoas, entre civis e militares, incluindo aí 32 militares cubanos que prestavam serviços na Venezuela e o sequestro do presidente Nicolás Maduro e sua esposa, Cília Flores.

As agressões imperialistas dos EUA e demais potências capitalistas na vida de nossos países não são novidade. No caso dos EUA, a agressão à Venezuela em 3 de janeiro se soma a mais de uma centena de vezes em que o governo daquele país se achou no direito de intervir na vida de outros povos, violando as leis internacionais e as leis deles mesmos.

Em todo o mundo, desde então, ouviram-se manifestações de condenação ao ataque, da parte de governos, partidos e outras organizações, mas fizeram-se também ouvir manifestações de aprovação, da parte de setores reacionários, que estão no poder, ainda que, momentaneamente, não estejam à frente dos governos em alguns países.

Para nós, além do que vamos dizer a respeito dos acontecimentos recentes, a questão que se coloca é: o que vamos fazer diante de tal situação?

Já está visto, assim acreditamos, que votar e, eventualmente, eleger governos supostamente progressistas, não

é suficiente. Sobre isso, pensamos ser importante refletir sobre o que escreveu Paul Baran, em seu livro "A economia política do desenvolvimento": "Nenhum regime é corrupto demais, nenhum governo é demasiado negligente dos interesses vitais de seu povo, nenhuma ditadura demasiado retrógrada e cruel para que lhe seja negado o apoio econômico, militar e moral da principal potência do 'mundo livre' - desde que mostre sua fidelidade à Santa Aliança antissocialista. Ao mesmo tempo, nenhum governo popular, por mais apoiado e mais heroico, nenhum governo socialista, por mais democraticamente eleito, e por mais dedicado que seja ao progresso de seu povo, poderá estar sequer certo de uma não-intervenção da parte daqueles que nunca se cansam de profissões hipócritas de sua dedicação ao progresso social e ao processo democrático. A agressividade indomável das potências imperialistas - grandes e pequenas - obstrui, de forma imensurável, o progresso econômico e social dos países que ingressaram no caminho da construção socialista".

Em que pese a diferença entre o momento em que Paul Baran escreveu essas linhas e também a diferença entre a construção socialista a qual se refere e as limitações das políticas derivadas do chamado "socialismo do século XXI", já verificadas também em outros países, o fato é

que a lógica que preside os governos estadunidenses fica mais uma vez evidente.

Nem mesmo toda a boa vontade do governo Maduro em dialogar com o governo dos EUA, o livraram das garras imperialistas.

Donald Trump foi claro ao dizer que as razões do ataque é controlar ainda mais o petróleo venezuelano para os interesses de empresas estadunidenses. Ao que parece, com sucesso, pelo que pudemos ver até o momento.

Cabe aos revolucionários e aos verdadeiros patriotas dos países dominados pelo imperialismo, mobilizar e organizar o povo para defender a soberania nacional, com base em um programa que atenda aos interesses populares e enfrente os interesses burgueses e imperialistas em nossos países.

Não bastam as manifestações, ainda que necessárias e justas. Se não formos capazes de realizar greves e outras formas de luta que deem prejuízo à burguesia imperialista e paralise sua mão assassina, ela vai continuar impondo a política que lhe garante taxas de lucro cada vez maiores, pois é isso que a move. Não lhe importa os sacrifícios, pois quem sofre esses sacrifícios, são os povos dos países dominados principalmente.

Nossa mensagem ao povo deve ser clara também. Se é para se sacrificar, que seja por uma boa causa.

A racionalidade deles e a nossa

A situação mundial que vivemos, com 56 guerras em andamento, de acordo com relatório da ONU e a existência de mais de 280 milhões de imigrantes espalhados pelo mundo, perseguidos sistematicamente por determinados governos, gera certa perplexidade àquelas pessoas que não estão acostumadas a analisar os fatos de forma racional.

Em geral, essas pessoas costumam acreditar que possa haver qualquer racionalidade em bombardear países, matando milhares de pessoas e causando imensa destruição, como se faz em Gaza, ou em promover bloqueios econômicos, como o que asfixia Cuba há 65 anos.

Todavia, existe sim, para a burguesia, uma racionalidade nisso tudo. O modo de produção capitalista, sistema do qual a burguesia é a classe dominante, baseia-se na exploração da classe trabalhadora e produz um razoável excedente econômico. Tal excedente, por sua vez, encontra cada vez maior dificuldade em ser aplicado produtivamente, justamente porque o sistema está baseado na exploração dos produtores, concentrando riqueza num polo da sociedade e pobreza e mesmo miséria, no outro polo. Daí a necessidade para a burguesia de destruir forças produtivas, periodicamente e de diferentes formas. Uma dessas formas é a guerra.

Essa lógica de funcionamento foi explicada por Marx e Engels e desenvolvida por aqueles que lhe seguiram os passos, entre estes, Paul Baran, em seu "A economia política do Desenvolvimento".

Consideramos úteis as reflexões estimuladas pelo livro de Baran, do qual apresentaremos e comentaremos alguns trechos, extraídos de sua quarta edição, da Editora Zahar. A preocupação central de Baran é estudar o modo de utilização do excedente econômico. Nos capítulos iniciais, Baran apresenta "uma visão geral" da questão do desenvolvimento, mostrando o interesse por ela desde Adam Smith. Discute o "conceito de excedente econômico", com sua evolução desde a fase do capitalismo competitivo até a fase de "imobilidade do capitalismo monopolista", que é problematizada em dois capítulos.

A partir do capítulo 5, Baran vai comparar a situação dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, demonstrando "as raízes do subdesenvolvimento".

Ele escreve: "A estabilidade do capitalismo monopolista é, por conseguinte, altamente precária. Incapaz de realizar uma política de verdadeiro pleno emprego e de real progresso econômico, tendo que se abster do investimento produtivo bem como da expansão sistemática do consumo, ele deve basear-se fundamentalmente em dispêndios militares para a preservação da prosperidade e do alto nível de emprego de que dependem os lucros e o apoio popular de que goza o sistema. Tal situação, entretanto, embora crie a aparência de um 'tempo bom para todos', resulta em contínua dissipação do excedente real do povo".

Sabemos desde algum tempo, e isto tem sido repetido no Brasil recentemente, que certos teóricos e outros defensores do capitalismo nos aconselham a manter as



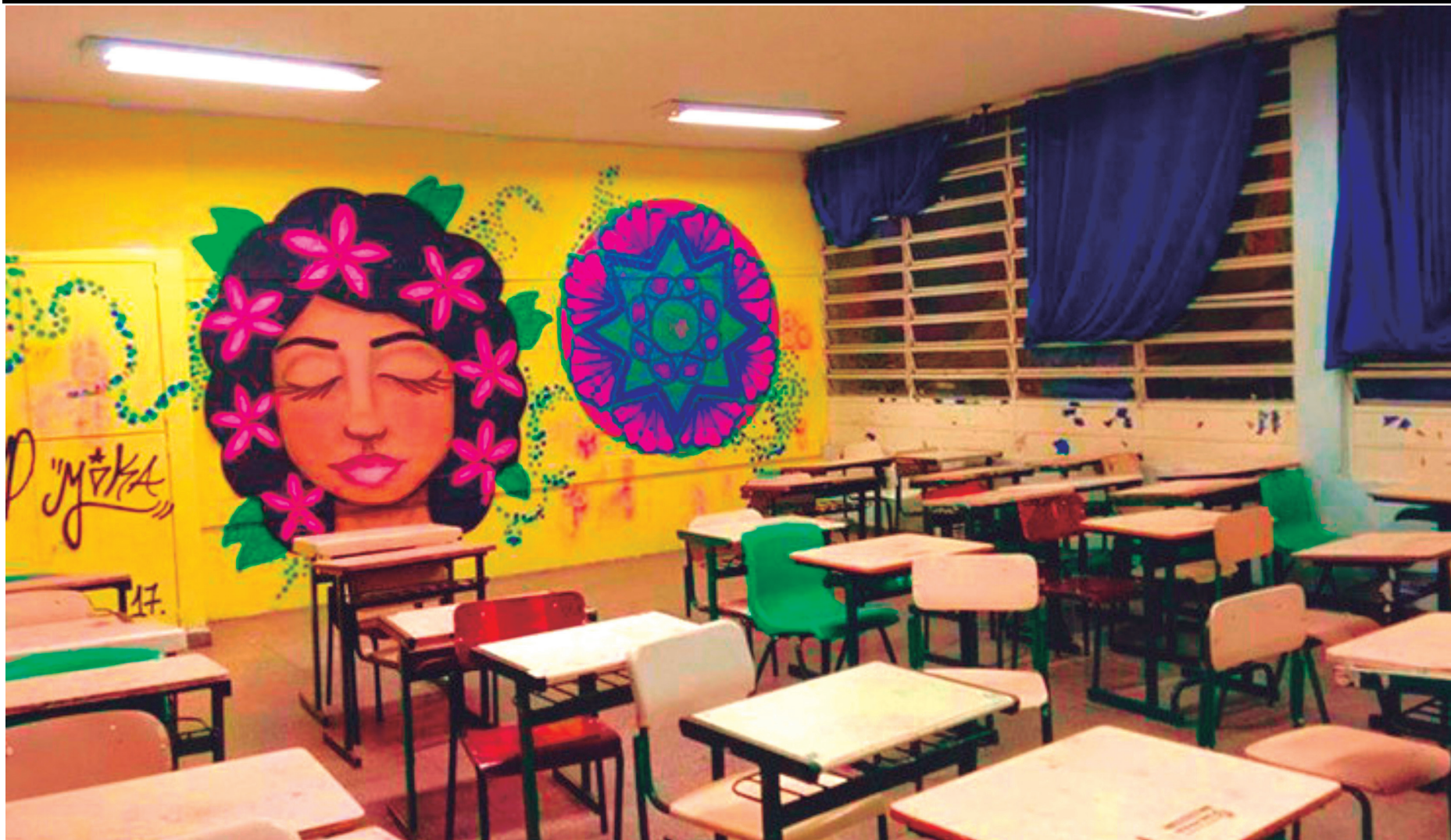
nossas economias centradas fundamentalmente na agricultura, que seria a nossa melhor vocação. Vejamos o que Baran diz a esse respeito: "Considerada a agricultura em seu conjunto, é bastante provável que o excedente econômico gerado pelo setor agrícola das economias subdesenvolvidas represente pelo menos a metade e, em muitos países, mais da metade de sua produção global. É óbvio que o emprego que se dê a essa considerável porção do produto nacional é de fundamental importância para o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos. Não é menos óbvio que em todos os países subdesenvolvidos a maior parte desses recursos não é utilizada com o propósito de expandir e aperfeiçoar o aparelho produtivo da sociedade. Parcela considerável do excedente econômico retido pela aristocracia rural é destinada a manter seus faustosos hábitos de consumo. O que despertou a ira de Adam Smith, Ricardo e outros economistas clássicos ainda é regra comum nos países atrasados".

Quando se estuda o capitalismo monopolista, se está estudando obrigatoriamente o capitalismo na sua fase imperialista, com todas as consequências econômicas, sociais, políticas e culturais, pois a burguesia mobiliza recursos em todas as esferas da atividade humana para manter a situação que lhe interessa, não importando os custos que a humanidade tenha que pagar para o capitalismo se manter. Perpetuar as condições em que a maioria dos países do mundo permaneçam atrasados em relação aos países dominantes não é um acidente, é o resultado da ação da burguesia imperialista.

O subdesenvolvimento é mantido justamente pelas remessas de lucros, pelo endividamento, enfim, pela transferência das riquezas das áreas empobrecidas para as áreas ricas do capitalismo. "Não é de admirar, pois, que em tais circunstâncias as grandes empresas ocidentais, profundamente engajadas na exploração de matérias-primas, não meçam esforços e sacrifícios

em suas tentativas de obstruir a evolução das condições políticas e sociais que podem conduzir os países subdesenvolvidos à promoção de seu desenvolvimento econômico (...) se necessário, forças militares da potência imperialista são rápida e eficientemente mobilizadas para auxiliar a empresa privada que esteja encontrando obstáculos para o desempenho de sua tarefa".

A perplexidade que atinge muitas pessoas nesses tempos que vivemos, também não é um acaso. "A implantação de uma ordem social em que o crescimento econômico e cultural será possível com base no crescente domínio racional, pelo homem, das forças inesgotáveis da Natureza é tarefa que excede, em alcance e desafio, tudo o que já se obteve ao longo do evoluir histórico. (...) Procurar colocar a razão no lugar hoje ocupado pela superstição, procurar substituir a aceitação submissa de uma realidade perniciosa pela confiança nas capacidades humanas, constitui sempre empreendimento árduo e arriscado. Ele encontra não só a tenaz resistência de todas as 'fúrias da propriedade privada', como se choca com o homem subterrâneo de Dostoievski (...) Este homem subterrâneo tem sido mimado e cultivado por todo o aparato da civilização burguesa. Os economistas dão a sua contribuição ao apresentarem o sistema capitalista como a única estrutura possível e 'natural' da atividade econômica, passível talvez de algumas melhorias. Os psicólogos participam desse processo ao considerarem o inconsciente como força obscura, impenetrável, que torna balizados, inevitavelmente, todos os esforços para fazer progredir a causa da razão, ao mesmo tempo que atribuem a estrutura observável do 'Id' a forças perenes, biológicas e não às frustrações e ansiedades produzidas e reproduzidas por uma sociedade desumanamente organizada". E ele conclui um pouco mais adiante: "Como fenômeno social, a irracionalidade não será superada enquanto sua base, o sistema capitalista, continuar a existir".



A Educação para a classe trabalhadora

Sabemos, não porque tenham nos falado, mas porque passamos pelos bancos escolares, ou seja, por experiência, que os sucessivos governos, de todas as cores e orientações políticas, da direita à esquerda, nunca tiveram como prioridade a educação dos trabalhadores.

Não contaremos nenhuma novidade, desde sempre que sabemos que trabalhadores com educação são um perigo para a burguesia.

Porém, agora talvez tratemos de uma boa nova: a escola não fará a redenção da classe trabalhadora, porém, trabalhadores com boa educação farão uma leitura melhor dos seus problemas, identificando que estes problemas têm origem e não é no divino, mas no concreto.

No capitalismo, para que uns poucos sejam ricos, centenas de milhões precisam ser pobres e outros milhões precisam ser miseráveis.

Se a educação não pode redimir a nossa classe, certamente ela nos permitiria atingir a condição de compreensão para entender corretamente o que nos acontece, esperar que governos que representam os interesses burgueses (sejam da direita ou da esquerda da ordem) organizem um sistema educacional que permita aos filhos da classe trabalhadora acessarem uma educação de qualidade ou se trata de ingenuidade ou de leviandade. Sob ataque essa educação produzirá um efeito ainda mais prejudicial para os filhos e filhas dos trabalhadores.

Em momentos de crise do capital a burguesia volta-se para os recursos públicos como forma de ampliarem a concentração de renda em suas mãos.

Não é diferente agora!

O problema nunca foram os inves-

timentos públicos, parcela importante dos agentes a serviço do capitalismo propagam essa mentira diariamente, dizem que os governos gastam muito com investimentos públicos e que devem reduzir esses investimentos, mas o que querem dizer (mas não podem) é que estes recursos que são investidos pelos governos precisam ser administrados pela iniciativa privada, de maneira a que saiam da esfera pública e migrem diretamente para as mãos da burguesia e da pequena burguesia.

Enfim, o problema nunca foram os investimentos públicos, mas os investimentos públicos administrados por funcionários públicos e que não geram ou geram poucos lucros para a burguesia.

É preciso dizer que, apesar de serem recursos públicos, administrados por funcionários públicos, em geral estes investimentos já migram para a iniciativa burguesa, mas o que chega ao destino é uma parcela e a burguesia quer tudo.

Exemplos de serviços públicos executados pela iniciativa privada de maneira muito aquém do que nós merecemos não faltam, a saúde talvez seja o principal deles, mas distribuição de energia elétrica (ENEL) merece desonroso destaque, bem como a produção e distribuição de água (SABESP).

Não haverá melhora na educação com a privatização das escolas públicas, somente a redução drástica dos vencimentos dos trabalhadores na educação e a rapina dos recursos públicos destinados à educação.

Na capital de São Paulo é conhecida a desastrosa experiência da privatização da Educação Infantil, em que OSs (Organizações Sociais), muitas vezes associadas a políticos ou por outras

peçoas tão desonestas quanto aqueles, administram escolas de educação infantil, popularmente conhecidas como creches, sem qualidade alguma e, na infinita maioria das vezes, em locais sem a menor estrutura para funcionarem como escolas, principalmente para crianças na primeira idade.

Qualidade? Essa sequer podemos discutir, o trabalho desenvolvido nas escolas de educação infantil diretamente administradas pela Prefeitura apresenta uma qualidade que não pode ser comparada com o trabalho desenvolvido nas escolas chamadas parceiras, inclusive (e principalmente) pela estrutura das últimas.

Mas tudo bem, essas escolas não são para as camadas médias, muito menos para a burguesia, mas para a classe trabalhadora, basta, portanto, que seja garantido um espaço para que as famílias deixem suas crianças enquanto são exploradas em seus trabalhos, qualidade se vê depois.

E é aqui que a questão nos pega desde o início: poucas famílias trabalhadoras terão acesso ao mínimo de qualidade, desde pequenos suas crianças estarão em depósitos e ao longo do percurso escolar, inclusive pela necessidade burguesa em manter a classe trabalhadora subjugada, não terão acesso a um sistema educacional de qualidade.

Assim como tudo na vida da classe trabalhadora, a educação que precisamos e merecemos não será conquistada no voto ou nas orações, muito menos na ingenuidade, deverá ser arrancada à força daqueles que nos querem embrutecidos e sem condições de entendermos claramente tudo o que nos acontece.

Sem organização e luta nada mudará para nós.

A guerra no Irã e a decadência dos EUA

Desde o dia 28 de fevereiro, passamos a acompanhar mais uma ação de selvageria do imperialismo estadunidense e seu laçao sionista contra os povos da Ásia Ocidental. Ataques aéreos de Israel apoiados pelos Estados Unidos atingiram alvos militares e áreas civis de Teerã, capital do país, destruindo a infraestrutura e ferindo civis. Também foram atacadas as regiões de Qom, Khorammabad, Esfahan, Tabriz, Kermanshah, Ilam, Lorestan e Karaj. Um dos ataques também martirizou o aiatolá Ali Khamenei, líder iraniano e grande figura do legado da Revolução Islâmica de 1979, juntamente com membros da sua família.

A operação lançada em conjunto entre Estados Unidos de Trump e Israel de Netanyahu já havia sido planejada durante meses, e ocorreu justamente quando um processo de negociações diplomáticas sobre o programa nuclear civil iraniano e o levantamento das sanções econômicas impostas pelos EUA avançavam para um resultado positivo. Só isso demonstra claramente o caráter do imperialismo e sionismo e sua linha de ação no mundo.

Mais uma vez, a propaganda imperialista agiu fortemente para espalhar informações falsas sobre o Irã na grande mídia, alegando, sem provas, durante discurso de seu presidente, que o Irã possuía mísseis capazes de atingir o território continental dos Estados Unidos, e também repetindo a mentira de que o Irã busca construir uma arma nuclear. É o comportamento padrão dos EUA, criar narrativas falsas para justificar suas agressões, basta lembrar das armas químicas no Iraque em 2003 ou então o tráfico de Drogas de Nicolás Maduro na Venezuela.

Contudo, o que se planejava se realizar com uma operação agressiva e rápida, com a decapitação do grande líder religioso do país para gerar uma revolta para alcançar a mudança de regime no Irã, se mostrou um grande erro de cálculo dos estadunidenses e israelenses.

O Irã lançou um contra-ataque com mísseis contra o território de Israel e contra bases dos EUA no Catar, Kuwait, Bahrein, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, denominando a operação "True Promise 4", em referência às três operações anteriores com mísseis lançadas contra a Entidade Sionista desde o início da operação Dilúvio de Al-Aqsa na Palestina.

A resposta do Irã impôs uma derrota nos planos de Trump e Netanyahu e levou a situação a um novo patamar no Oriente Médio. Pela primeira vez as monarquias do Golfo, que se sustentam com o petrodólar e a sua dependência militar dos Estados Unidos, pagaram o preço de ser lacaios ianques. Assim como Israel também teve que lidar com ataques massivos a suas principais cidades e infraestrutura. Os Estados Unidos sofreram prejuízos bilionários com a destruição de materiais bélicos e bases militares e não atingiram o objetivo de enfraquecer a capacidade militar iraniana.

As forças do Eixo da Resistência na Palestina, no Líbano, no Iêmen, no Iraque e em toda a região vêm recuperando sua força e também se somaram contra a agressão dos EUA e dos sionistas, que buscavam nesse ataque eliminar o Irã como principal obstáculo na sua tentativa de impor uma hegemonia e controle total sobre a região.

O fechamento naval do Estreito de Ormuz por parte do governo do Irã, res-

ponsável pelo escoamento de um quinto da produção petrolífera do planeta, também demonstrou que a guerra imposta pelo imperialismo ainda proporcionará prejuízos ainda maiores a grande burguesia norte-americana que sustenta Trump em suas aventuras.

A guerra de agressão de Israel e Estados Unidos contra o Irã, em nome da busca da hegemonia regional e do controle do petróleo, para tentar recuperar-se da crise geral do sistema capitalista mundial, se transformou em um processo que demonstra a decadência do imperialismo estadunidense, que com o lunático Trump à cabeça, não consegue impor sua vontade e recebe de volta uma resistência que poderá causar ainda mais prejuízos aos Estados Unidos.

CAMPANHA REDE CONTINENTAL LATINO-AMERICANA E CARIBENHA
DE SOLIDARIEDADE COM CUBA E AS CAUSAS JUSTAS
Capítulo Brasil

PAINÉIS SOLARES PARA CUBA



SOLIDARIEDADE COM O POVO CUBANO
DIANTE DAS MEDIDAS CRIMINOSAS DE TRUMP

Os povos estão com Cuba!

FAÇA SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONTA

Banco do Brasil
Câmara Empresarial Brasil Cuba

Dados da conta:
Ag: 4770
C/c: 13844-4
Pix: 34.131.511/0001-64



100 ANOS
COM FIDEL



TRABALHO INFANTIL E EDUCAÇÃO NA LÓGICA DO CAPITAL

Há um ditado popular que diz que “O trabalho dignifica o homem”. De fato, o trabalho é uma ação essencialmente humana, fundamental no processo evolutivo que criou a própria humanidade. No entanto, sob a égide do capital, o trabalho se transforma no seu contrário, tornando-se um fator de destruição do humano.

Sob o capital, o trabalho afasta o ser humano daquilo que o torna diferente dos outros animais, como educação, cultura, lazer, convivências com outros humanos e com a natureza. Sob o capital o trabalho é fonte de exploração e de lucro para a classe dona das fábricas, terras, das matérias primas e dos comércios.

Em tempos de uso de Inteligência Artificial (IA) em todas as esferas da produção de comércio de mercadorias, amplia-se desemprego e regressão social os capitalistas intensificam a exploração do trabalho ainda mais, buscando usar toda força de trabalho disponível, incluindo crianças, adolescentes e jovens.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) quase 138 milhões de crianças estavam em situação de trabalho infantil em 2024. Aponta ainda que quase metade dessa população tra-

balha em situação de risco à vida e a saúde.

Recentemente uma matéria da BBC News Brasil, mostra como a maior economia do mundo, a estadunidense, força a aprovação de leis para explorar o trabalho de crianças e adolescentes cada vez mais novos. Ou seja, a o estado com suas instituições a favor da burguesia, legalizam as ações ilegais a favor da exploração.

Apesar da legislação federal dos EUA proibir o trabalho de menores de 14 anos e limitar o trabalho para adolescentes com idade entre 14 e 15 anos a no máximo 3h por dia, alguns estados estão discutindo e outros já aprovaram redução da idade para trabalhar, como podemos ler na reportagem “Os projetos de lei autorizam, por exemplo, o emprego de crianças de 14 anos em turnos noturnos de 6 horas e em trabalhos pesados, como os de lavanderias industriais”.

No Brasil, a Constituição proíbe o trabalho infantil, no entanto, entre 2023 e abril de 2025, 6.372 crianças e adolescentes retiradas de situações de exploração do trabalho infantil. Além desses dados fornecidos pelo Ministério do trabalho, é comum vermos crianças e adolescentes trabalhando em diferentes atividades, la-

vadores e guardadores de carros, vendedores nos faróis das grandes cidades, atividades domésticas e cuidados dos irmãos mais novos, entre outros. Além disso, a lei brasileira permite a contratação de adolescentes a partir dos 14 anos, com uma jornada de 6 horas diárias.

A OIT, desde a Convenção de 1973, fixa idade mínima de 16 anos e estabelece regras para combater o trabalho infantil, mas os dados apresentados acima mostram que o mundo não consegue eliminar esta forma de trabalho.

Em suma, o trabalho quando se torna fonte de exploração e acumulação de riqueza na sociedade capitalista, afasta as crianças e adolescentes da escola, prejudicando seu pleno desenvolvimento, a sua humanização.

Longe de ser neutra, a frase “O trabalho dignifica o homem” cumpre uma função ideológica: naturaliza as relações de exploração próprias do capitalismo e transforma o trabalho — independentemente de suas condições — em virtude moral. Ao fazer isso, oculta as contradições de um sistema que, ao mesmo tempo em que depende do trabalho humano, o desumaniza.

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano, seguimos com o nosso plano de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa 12 edições do Rumos da Luta e assim também contribui com a publicação da URC.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal



A luta das mulheres brasileiras por direitos e igualdade

A luta das mulheres brasileiras na atualidade não pode ser compreendida de forma isolada das estruturas econômicas e sociais que organizam o país. Sob a perspectiva feminista, a desigualdade de gênero está profundamente ligada ao capitalismo, que se sustenta na exploração do trabalho — sobretudo do trabalho feminino, negro e pobre — e na manutenção de uma divisão sexual que naturaliza a opressão das mulheres.

As mulheres enfrentam desigualdades significativas no mercado de trabalho: a participação feminina na força de trabalho ainda não recuperou totalmente os níveis pré-pandemia; há desigualdade salarial expressiva: mulheres ganham menos que homens em média, e essa diferença é ainda maior quando se analisa mulheres negras; mulheres negras também enfrentam maiores taxas de desemprego e uma maior dificuldade de acesso a empregos formais com direitos.

Exploração e vulnerabilidade social

A exploração no trabalho doméstico em condições análogas à escravidão ainda é uma realidade em algumas regiões, com mulheres — especialmente negras e periféricas — entre as mais afetadas. A vulnerabilidade econômica aumenta o risco de mulheres ficarem presas a ciclos de violência, pois limita sua capacidade de deixar situações abusivas.

No campo do trabalho, as mulheres brasileiras enfrentam uma dupla exploração. Além da inserção desigual no mercado formal, carregam a maior parte do trabalho doméstico e de cuidado não remunerado, essencial para a reprodução da força de trabalho e para o funcionamento da economia capitalista. Esse trabalho invisível, realizado majoritariamente nos lares, reduz custos do Estado e do mercado, ao mesmo tempo em que sobrecarrega as mulheres e limita suas possibilidades de organização política e ascensão social.

Leis e respostas institucionais

O Brasil avançou em algumas frentes legislativas: novas leis foram aprovadas para reforçar a proteção de mulheres e incluir alguns mecanismos como monitoramento eletrônico de agressores; programas sociais como o de dignidade menstrual atingiram milhões de mulheres, principalmente pretas e pardas, ampliando acesso a bens de higiene e dignidade. No entanto, grupos de mulheres e ativistas dizem que os serviços de proteção ainda não atendem plenamente a todas, especialmente aquelas em áreas periféricas, pobres ou negras.

Educação e percepção social

Em termos de educação formal, mulheres alcançam níveis de escolaridade semelhantes ou superiores aos homens em muitos indicadores — mas, isso ainda não se traduz plenamente em igualdade no mercado de trabalho ou redução da violência.

Pesquisas indicam que a percepção geral de respeito às mulheres não mudou significativamente nos últimos anos, sugerindo que persistem padrões culturais que normalizam desigualdades e desrespeito.

Desafios culturais e estruturais

A disparidade racial intensifica desigualdades: mulheres negras são desproporcionalmente impactadas por violência, pobreza e exploração laboral. Ativistas e organizações feministas apontam que mais políticas públicas estruturantes, educação antiviolença e combate ao machismo são essenciais para mudanças.

A libertação das mulheres está inseparavelmente ligada à luta por justiça social e por um novo projeto de sociedade. Combater o machismo exige também enfrentar o sistema que se beneficia da desigualdade e da precarização da vida, fazendo da luta das mulheres um eixo central da transformação social.

8 DE MARÇO DIA INTERNACIONAL DA MULHER PROLETÁRIA

“Sim, possuíamos em nosso Partido companheiras seguras, capazes e incansáveis. Podemos confiar-lhes postos importantes nos sovietes, nos comitês executivos, nos Comissariados do Povo, na administração. Muitas delas trabalham dia e noite no Partido ou entre as massas proletárias e camponesas, ou no Exército Vermelho. Tudo isso é muitíssimo precioso para nós. E é importante para as mulheres do mundo inteiro, porque comprova a capacidade das mulheres e o elevado valor que tem seu trabalho, para a sociedade. A primeira ditadura do proletariado abre verdadeiramente o caminho para a completa igualdade social da mulher. Elimina mais preconceitos que a montanha de escritos sobre, a igualdade feminina. E apesar de tudo isso, não possuímos ainda um movimento feminino comunista internacional. Mas devemos chegar a formá-lo, a todo custo. Devemos proceder imediatamente à sua organização. Sem esse movimento, o trabalho de nossa Internacional e das suas seções será incompleto e assim permanecerá”. **V.I. LENIN**

Desde seu início, o selo Edições Nova Cultura publicou uma série de títulos importantes para contribuir com o debate e a compreensão do caráter da luta feminina. São obras de autoras revolucionárias de todo o mundo como “As Correntes Filosóficas no Movimento Feminista” de Anuradha Gandhi, “A Questão Feminina” de Clara Zetkin, “Marxismo, Mariátegui e o Movimento Feminino” de Catalina Adrianzen, “A Libertação da Mulher é uma Necessidade da Revolução” de Samora e Josina Machel, “A Metade do Céu” de Claudie Broyelle, além da coletânea “Mulheres Revolucionárias: textos escolhidos”.

